ANO XXIII • Nº 1094 • 29 DE SETEMBRO A 5 DE OUTUBRO DE 2014 • www.sintufrj.org.br • sintufrj@sintufrj.org.br

A SERVIÇO DA CATEGORIA

Jornal do SINTUFRJ

FASUBRA Sindical CUT

www.sintufrj.org.br

SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ

2° Sintae se consolida como vitrine da produção profissional e acadêmica da categoria na UFRJ

Mais de 100 trabalhos foram inscritos para apresentação no 2° Seminário de Integração dos Técnicos-Administrativos, realizado pela Pró-Reitoria de Pessoal de 22 a 25 de setembro, nos espaços do CCMN, na Cidade Universitária. Todos os participantes – apresentando trabalhos ou como ouvintes – receberam certificados de 40 horas que valeram para capacitação.

O pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, quer que o Sintae seja um espaço para prestação de contas à sociedade. Já o coordenador-geral do Sintufrj Francisco de Assis propôs que a exposição da produção da categoria faça parte das comemorações pelo Dia do Trabalhador Público e que tenha tempo previsto de pelo menos uma semana. *Página 3*

Locomoção nos campi na pauta do dia

Usuários de transportes públicos (técnicos-administrativos, professores e estudantes) denunciam abusos das empresas de ônibus e exigem providências na audiência pública sobre mobilidade urbana convocada pela Prefeitura Universitária. *Página 4*

Avaliação da audiência pública do HU

Página 5

DOIS PONTOS

Seminário discute questões étnico-raciais

O Laboratório de Estudos de Gênero (LEG) realiza o Seminário Marxismos e Questões Étnico-Raciais, na terça-feira, dia 30, às 14h, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), no Largo de São Francisco, Centro da Cidade.

O objetivo é debater questões como a integração do negro na sociedade de classes e indígenas na América Latina, relacionando o assunto às ideias marxistas.

As palestras acontecem na sala 106, 1º andar do IFCS (Largo de São Francisco, 1, Centro). O evento é gratuito e as inscrições devem ser feitas no próprio dia do evento, 30 minutos antes do início das atividades.

Concurso de Fotografia da ECO

Estão abertas as inscrições para a 6ª edição do concurso ECOfoto, um projeto desenvolvido pelo setor de extensão da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ.

O objetivo do concurso é a valorização da fotografia como bem cultural, com base na democratização do acesso à informação nos espaços públicos. A participação é aberta a todos, mesmo não tendo vínculo com a UFRJ.

As inscrições vão até o dia 17 de outubro e devem ser feitas através de formulário da ECO. O edital está disponível na página www.eco.ufrj.br.

Economia política contemporânea

O Laboratório de Estudos sobre Hegemonia e Contra-Hegemonia (LEHC) da UFRJ promove entre os dias 30 de setembro e 2 de outubro o Seminário Economia Política Contemporânea, Estado e Crise: Novos Alinhamentos Mundiais e as Alternativas da América Latina.

Haverá participação de importantes pesquisadores da América Latina e Caribe. As inscrições são gratuitas e o seminário será realizado no salão nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS).

Departamento de Gênero do Sintufrj

Convida para a atividade que realizará no dia 3 de outubro, às 15h, no Espaço Cultural do Sintufrj.

Feira das Editoras Universitárias

Este ano a Editora da UFRJ comemora a realização da décima edição da Feira das Editoras Universitárias do Rio de Janeiro, com a participação das editoras da UFF, Uerj, UFRRJ e Fiocruz. Os livros serão vendidos com 50% de desconto.

O evento será de 6 a 10 de outubro, das 10h às 18h, no campus da Praia Vermelha. Desta vez a feira, que atrai a cada ano um público maior, acontecerá em paralelo à XXXVI Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Tecnológica, Artística e Cultural da UFRJ.

Dia Mundial do Coração

Em comemoração ao Dia Mundial do Coração, a Seção de Educação e Promoção da Saúde da Coordenação de Políticas Sociais de Saúde do Trabalhador (CPST) promoverá diversas atividades na Faculdade de Letras no dia 30 de setembro.

A atividade será no Espaço João do Rio, das 10h às 14h, com medição de pressão arterial; avaliação antropométrica (peso, altura e IMC); dosagem de glicose e colesterol; orientação física/postural e nutricional; dosagem índice de CO; e distribuição de material informativo.

Errata

Ao contrário do que foi publicado na edição anterior do Jornal do Sintufrj, Iaci Azevedo coordenou a entidade de 2008 a 2010.

Vacinação contra a gripe

A Coordenação de Políticas Sociais de Saúde do Trabalhador (CPST) informa que ainda estão disponíveis várias doses da vacina contra a gripe no Centro de Vacinação. Os integrantes da comunidade universitária que ainda não se vacinaram e desejarem fazê-lo podem se dirigir ao Centro de Vacinação que fica na entrada principal do Centro de Ciências da Saúde (próximo da agência do Banco do Brasil).

Nota de falecimento

Com pesar informamos o falecimento do aposentado Delmiro Lapa Torres, aos 80 anos de idade, ocorrido no dia 21 de setembro em consequência de câncer no fígado. Ele trabalhava no Instituto de Matemática e deixa esposa, dois filhos e uma neta. A missa de Sétimo Dia será celebrada nesta segunda-feira, dia 29, às 19h30, na Igreja Santuário das Almas, em Santa Rosa/Niterói.

Morre o mais antigo servidor público

Aos 100 anos, morreu na terça-feira, dia 23, de pneumonia bilateral, João Pereira dos Santos, o mais velho servidor da Esplanada dos Ministérios. Seu Pereira, como era conhecido, nasceu na cidade de Propriá, no estado de Sergipe, e mudou-se para Brasília em 1º de maio de 1960. Segundo sua filha, Ritamaria Pereira, 66, aposentada da Câmara Legislativa, ele trabalhou até o fim de agosto.

Calendário da Fasubra do mês de outubro

8 e 9 – Reunião Ordinária – CNS.
10 e 11 – Reunião de Mulheres da Fasubra.
13 a 17 – Reunião do Conselho Fiscal.
22 e 23 – 149ª RO – CIRH.
25 – Dia Mundial de Combate à Violência contra a Mulher.

JORNAL DO Sintufrj
JORNAL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DA UFRJ
Cidade Universitária - Ilha do Fundão - Rio de Janeiro - RJ
Cx Postal 68030 - Cep 21941-598 - CNPJ:42126300/0001-61

Coordenação de Comunicação Sindical: Francisco Carlos dos Santos, Maria Bernadete F. Tavares e Olga Letícia P. Xavier / **Conselho Editorial:** Coordenação Geral e Coordenação de Comunicação / **Edição:** Amag / **Reportagem**: Amag, Eac e Regina Rocha / **Projeto Gráfico:** Luís Fernando Couto / **Diagramação**: Luís Fernando Couto, Jamil Malafaia e Edilson Soares / **Fotografia:** Renan Silva / **Revisão:** Roberto Azul / **Tiragem**: 10 mil exemplares / As matérias não assinadas deste jornal são de responsabilidade da Coordenação de Comunicação Sindical
Correspondência: aos cuidados da Coordenação de Comunicação. **Fax:** (21) 2260-9343. **Tel.:** (21) 3194-7113 **Impressão:** 3graf (21) 3860-0100

CATEGORIA

2° Sintae repetiu o sucesso da estreia em 2013

Fotos: Renan Silva

ROBERTO Gambine e Francisco de Assis

Durante quatro dias – de 22 a 25 de setembro –, profissionais de diferentes áreas tiveram a oportunidade de compartilhar com toda a universidade, no 2° Seminário de Integração dos Técnicos-Administrativos (Sintae), o que produzem nos seus locais de trabalho e/ou pesquisam e estudam em seus cursos de pós-graduação (mestrado, doutorado ou especialização).

A iniciativa é da Pró-Reitoria de Pessoal e o objetivo é exatamente o de dar visibilidade ao fazer coletivo e individual dos técnicos-administrativos. Todos os que se envolveram com o Sintae, seja apresentando trabalhos ou apenas assistindo aos colegas, receberam certificados de 40 horas que valem como capacitação.

Embora parte do período de inscrição tenha coincidido com o movimento grevista, o total de participantes foi o mesmo do 1° Sintae em 2013. E de acordo com a comissão organizadora, em relação ao ano anterior, dobrou o número de expositores com mestrado e doutorado.

Agradecimentos e expectativas

Na abertura do seminário, no auditório do Roxinho, o superintendente de Pessoal, Agnaldo Fernandes, comemorou o sucesso do 2° Sintae, que registrou mais de cem trabalhos inscritos e a participação de todos os Centros, inclusive da Ufrj-Macaé. "Abrimos o período de inscrição, mas temos certeza de que, se não fosse a greve, a participação da categoria seria ainda maior", disse. Ele elogiou o empenho da estrutura de técnicos-administrativos da PR-4 – "quase 200 servidores" – para a realização exitosa do seminário, agradeceu a todos, incluindo os trabalhadores que também colaboraram com o evento das pró-reitorias (Planejamento e Desenvolvimento; Finanças; Extensão e Gestão e Governança) destacou o empenho dos funcionários Karine de Lima Guedes, Ana Paula de Paula e Gustavo Cravo de Azevedo (da PR-4) e de Rita Cavaliere (da Coppe) e a ajuda dos estagiários.

O pró-reitor de Pessoal, Roberto Gambine, agradeceu aos que se inscreveram para apresentar trabalhos e aos presentes, e afirmou esperar que, no futuro, "a universidade entenda a relevância e a importância do seminário como um espaço institucional de uma grande prestação de contas públicas".

Francisco de Assis, coordenador-geral do Sintufrj e dirigente da Fasubra, saudou o 2° Sintae como a iniciativa que está valorizando o fazer do trabalhador técnico-administrativo. "Essa é uma longa história, que teve uma linha de corte a partir de 2005 quando conquistamos nossa carreira, cujo maior ganho que tivemos com ela foi a conquista da nossa identidade como técnico em educação. Nós pensamos a universidade, temos projeto para ela e propostas, como a do Gambine, que fortalece nossas ações nesse sentido", afirmou o sindicalista, que, como contribuição, propôs que a PR-4 e a Reitoria pensem na possibilidade de comemorar o Dia do Trabalhador Público realizando uma semana de Sintae.

Em seguida, foi realizado o debate sobre conceitos e projetos da universidade, com a pró-reitora de Graduação, Ângela Rocha, a decana do Centro de Ciências da Saúde Maria Fernanda Quintela e o representante dos estudantes no Conselho Universitário Júlio Anselmo.

Dinâmica

Os pareceristas – um grupo formado por docentes ou técnicos-administrativos especialistas na área – aprovaram os 96 trabalhos apresentados na forma oral ou em pôster, relacionados aos temas Gestão Pública e Universidade ou Ensino, Pesquisa e Extensão. Foram quatro locais de apresentação: Auditório Horácio Macedo, salão nobre do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza e nos auditórios do Instituto de Geociências Pangea e Cema.

As apresentações – um trabalho por vez – foram acompanhadas por mediadores (técnicos-administrativos especialistas na área), que auxiliavam nos debates e davam nota pelo conteúdo e pela exposição oral. No último dia, os seis trabalhos considerados como os melhores: três orais e três pôsteres receberam placas comemorativas. Estava prevista também a apresentação de um espetáculo de humor (stand-up) pelo técnico-administrativo Carlos Tondé, que é estudante de artes cênicas e professor do Curso de Teatro da Pró-Reitoria de Pessoal.

Uma das tarefas da comissão organizadora do seminário foi produzir um Caderno de Resumos dos Trabalhos apresentados e com a programação dos quatro dias do evento.

Durante a realização do 2° Sintae, o hall de entrada do Auditório Horácio Macedo se transformou em uma galeria de arte com a exposição das fotos dos alunos do Curso de Fotografia da PR-4, cujo professor é o técnico-administrativo Cícero Rebello.

Conforme ocorreu em 2013, a cada semana o Jornal do Sintufrj divulgará trabalhos de expositores do 2° Sintae.

Pôster inspirado no cotidiano

JORGINALDO ao lado do pôster apresentado no seminário

Jorginaldo Willian de Oliveira é técnico em herbáreo do Instituto de Biologia da UFRJ e trabalha na UFRJ desde 1988. Ele apresentou seu trabalho "Gestão das Coleções Científicas do Instituto de Biologia", no Sintae, dia 24 de setembro, através de pôster.

O trabalho é complemento do curso de especialização em Gestão Pública promovido pela Pró-Reitoria de Pessoal (PR-4) em parceria com o Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH). Assim, nada melhor do que apresentar um trabalho derivado do seu dia a dia.

Na sua argumentação, Jorginaldo informa que o Instituo de Biologia tem cinco departamentos que trabalham direta ou indiretamente com coleções científicas, algumas tão importantes que foram credenciadas como Fiéis Depositárias de Amostras do Patrimônio Genético. O trabalho apresentado propõe a implantação de um novo modelo de gestão unificada para as coleções, tendo como base a introdução de um novo cargo de Gestor de Coleções para o Instituto de Biologia.

"Apresentei esse trabalho porque senti a necessidade de um cargo de organização, de um gestor – não necessariamente um técnico – para termos uma padronização na universidade destas coleções. Minha ideia é a de concentrá-las num mesmo local e sob a responsabilidade deste gestor específico. Com isso, poderíamos conseguir mais recursos. As coleções juntas teriam peso maior", explica.

No seu trabalho, Jorginaldo propõe que esse gestor terá a função de gerenciar as coleções e implementar um banco de dados único. Para isso o novo funcionário passará por dois treinamentos distintos: o primeiro referente ao conhecimento do manejo das coleções pertencentes a cada Departamento do Instituto, e o segundo referente à utilização de um programa de banco de dados específico que será utilizado para armazenar as informações das referidas coleções.

"Este procedimento auxiliará na consulta e na manutenção das coleções, e pode estabelecer também uma nova política de preservação, além de gerar a formação de recursos humanos nesta área de atuação", avalia Jorginaldo.

TRANSPORTES NA UFRJ

Usuários de ônibus no Fundão denunciam na audiência pública situações estarrecedoras

De acordo com dados da Prefeitura da UFRJ, 70 mil pessoas circulam nos campi da universidade diariamente. E se hoje é difícil contar com transporte público, imagine em 2020, quando a estimativa é que esse número chegue a 100 mil. Para discutir a mobilidade nos campi da universidade, a Prefeitura da UFRJ realizou uma audiência pública na segunda-feira, dia 22, no auditório do Horto Universitário.

Esta é a sexta iniciativa da Prefeitura, mas embora os problemas vividos cotidianamente pelos usuários dos transportes públicos sejam muito antigos, as audiências anteriores nunca mobilizaram muita gente. Dessa vez o auditório lotou de estudantes, técnicos-administrativos e professores. Houve até manifestação de alunos de algumas unidades, como Letras, Politécnica, Coppe, FAU, Biofísica, IFCS, CFCH e CCMN, que chegaram em grupo, com cartazes e palavras de ordem.

Foto: Renan Silva

O PREFEITO Ivan Carmo, o professor da Coppe Marco D'Agosto e os usuários de ônibus na audiência pública

Como é e como deveria ser

O prefeito Ivan Carmo explicou que a audiência era para levantar opiniões e propostas para subsidiarem um documento bem fundamentado para ser levado ao reitor e este o encaminhe às autoridades municipais e estaduais. Ele convidou representantes do Departamento de Transportes Rodoviários do Estado do Rio de Janeiro (Detro), responsável pelas linhas intermunicipais, e da Superintendência Municipal de Transportes Urbanos (SMTU), responsável pelas linhas municipais. Mas apenas o Detro compareceu.

Segundo o prefeito, hoje, 74% da população universitária utiliza transporte público (51.800), 25% transporte privado (17.500) e 1% (700) os chamados transportes ativos, como bicicletas, skates e patins. Ele expôs o planejamento da gestão do transporte interno, entre os campi e o apoio dado aos cursos noturno, as iniciativas de inovação e as reclamações.

Ele contou que são comuns os relatos de que fica a cargo de motorista de algumas linhas a decisão de entrar ou não no Fundão; casos de excesso de velocidade; tratamento agressivo a passageiros e ônibus municipais circulando em estado precário, o que evidencia a falta de preocupação das empresas em prestar um bom serviço, embora a receita gerada pelos usuários da UFRJ faça falta a elas quando chega o período de férias.

O professor Marco D'Agosto, do programa de Engenharia de Transportes da Coppe, ratifica que o sistema de transporte público não cumpre o que deveria e atende mal nos horários normais, e é ainda pior nos horários de pico. Por tudo isso, defendeu que é preciso usar a força política para convocar o poder público e o Rio Ônibus para mudar essa situação, e informou que terá reunião com o Rio Ônibus no dia 30, e se dispôs a levar as reclamações dos usuários da UFRJ.

São muitas as empresas e linhas que servem mal o público no Fundão. "As empresas lucram superlotando ônibus" e "Quem tem carro não faz ideia do que é estudar no Fundão à noite", denunciaram os presentes na audiência. O 485 foi apontado como o campeão de queixas, entre as quais excesso de velocidade, superlotação e até agressões por parte dos motoristas. Alguns dos agressores foram filmados com celulares e pararam na internet.

Denúncias graves

Um fato intensificou a mobilização porque indignou a comunidade universitária. Há algumas semanas, a estudante Débora de Melo, do curso noturno de Libras (Língua Brasileira de Sinais), na Faculdade de Letras, grávida e com diabetes, ficou esperando o ônibus para Mesquita no ponto até às 23h. Não passou e ela teve que andar até a Avenida Brasil para conseguir transporte.

Os estudantes do curso de Libras sofrem mais com a falta de ônibus à noite porque a maioria é deficiente auditiva e tem mais dificuldade em conseguir ajuda ou informação, informou Georgina Martins, técnica-administrativa e professora da Faculdade de Letras.

Rita Cavalieri, representante dos técnicos-administrativos no Conselho Deliberativo da Coppe, ressaltou que é preciso mais respeito com o público da UFRJ, cujo aparelho acadêmico, científico e tecnológico é destacado pelos governos municipal e estadual, embora a comunidade sofra com serviços de transporte de péssima qualidade.

Ela propôs mobilização, inclusive com a participação das empresas que usufruem do campus, como Petrobras, Cepel, Parque Tecnológico, que também contam com o transporte público para locomoção de seus trabalhadores. "A gente tem que chamar o Ministério Público ou propor uma ação coletiva com o Sintufrj, Adufrj e DCE", disse a funcionária, acrescentando que o caso da jovem grávida obrigada a andar até fora do campus tarde da noite "desafia nossa humanidade."

Luan Braga, do Centro Acadêmico do curso de Gestão Pública (Cagesp) entregou um relatório ao prefeito originado de uma pesquisa realizada entre 200 estudantes do curso noturno, na qual 74% indicaram que o transporte no campus é ruim ou péssimo e a empresa da linha 485 bateu o recorde em reclamações. Ele contou que os alunos do curso noturno da Coppead ficam literalmente a pé, porque a partir de determinado horário o ônibus não passa mais.

Taís Lara, do DCE e do Cagesp, também apresentou uma pesquisa feita pelo diretório acadêmico que demonstra que 73% dos estudantes da UFRJ precisam pegar dois ônibus ou mais e 72% demoram mais de três horas no trajeto. "Um tempo que poderia ser gasto com estudo", disse, apontando que o problema de locomoção também diz respeito às políticas de permanência.

Os depoimentos de estudantes da Baixada Fluminense coroaram o relato das dificuldades. "Dependo de um ônibus da Cruzeiro do Sul e já aconteceu de todos os dias da semana esse ônibus quebrar comigo", denunciou uma jovem. Ela contou que uma vez o ônibus pegou fogo e o motorista fugiu sem avisar ninguém, e nem sequer abriu a porta traseira para que os passageiros pudessem sair.

Detro – "Vamos intensificar a fiscalização", garantiu o representante do Detro, prometendo que não apuraria apenas o caso da Expresso Cruzeiro do Sul, mas que notificaria todas as empresas "porque não é admissível o que estamos escutando aqui", e acrescentou que daria um prazo de 24 horas para a empresa (Cruzeiro) sanar isso", e ainda se comprometeu a passar as informações dos problemas referentes às linhas municipais à Secretaria Municipal de Transportes Urbanos. Ele disponibilizou para o público os contatos da Ouvidoria: ouvidoria@detro.rj.gov.br e o telefone 3883-4141.

Propostas

Muitas propostas foram feitas durante a audiência pública, como a instalação de painéis eletrônicos com as informações sobre os horários das linhas de ônibus (em curso pela Prefeitura da UFRJ); instalação de bicicletários (para breve); aluguel de bicicletas para circulação interna (em negociação); uso de catamarãs (em estudo) ou a compra de um ônibus elétrico (em curso), que transportará ciclistas para conexão entre as ciclovias externas e as da Cidade Universitária. Mas o que ficou acertado foi o início do funcionamento do transporte para atender o pessoal do curso de Libras.

AUDIÊNCIA PÚBLICA

Saldo positivo foram as propostas em benefício de todos os HUs

A repercussão política destacou os problemas do HU e deu esperanças à comunidade do hospital

A audiência pública convocada pelo diretor do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, no dia 16, para informar e ouvir a sociedade sobre os problemas de financiamento e de pessoal, que lotou o auditório do Quinhentão, no Centro de Ciências da Saúde, foi mais que uma sucessão de discursos de solidariedade à atual gestão e aos profissionais da unidade. Além da repercussão política, inclusive na mídia, do ato surgiram propostas que, concretizadas, beneficiarão toda a rede federal de hospitais universitários no país.

Como liderança na luta contra a entrada da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh) na Ufrj e pela revogação da lei que criou esse monstro ameaçador da autonomia universitária, o Sintufrj não mediu esforços para garantir que a audiência pública do HU fosse um sucesso. O Sindicato foi quem se responsabilizou, por exemplo, pela tarefa de mobilizar as centrais sindicais, Fasubra e as demais entidades representativas dos trabalhadores que compareceram à audiência, como também se empenhou para massificar sua divulgação na comunidade universitária por meio de matérias no jornal da categoria e cartazes.

Foto: Renan Silva

AUDITÓRIO do Quinhentão no dia da audiência pública

Propostas e ações políticas

Entre as propostas apresentadas destacam-se a criação de um estatuto jurídico de gestão dos hospitais universitários federais, mas sem ferir a autonomia, como propôs a presidente da Associação Nacional de Técnicos de Controle Externo do Tribunal de Contas da União, Luciene Pereira; a constituição dos hospitais como unidades orçamentárias, com planejamento, metas e resultados avaliados anualmente para que o orçamento se repita ou seja ampliado, como sugeriu a deputada federal Jandira Feghali (PCdoB) e a realização de uma audiência pública na Câmara dos Deputados específica sobre o hospital com a presença do Executivo e dos Ministérios da Saúde e da Educação, como defendeu o deputado federal Chico Alencar (PSOL).

Solicitar que o Supremo Tribunal Federal (STF) realize uma audiência pública sobre os hospitais universitários e que julgue a Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) sobre a lei de criação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), para definição dos rumos dos HUs, e a instalação de uma representação do Ministério Público do Trabalho para obrigar o cumprimento de direitos trabalhistas pelas empresas terceirizadas, foram as propostas apresentadas pelo procurador da República do Distrito Federal Peterson Pereira.

O coordenador-geral do Sintufrj Francisco de Assis sugeriu apoio às propostas protocoladas pela Fasubra no Congresso Nacional, como o projeto Universidade Cidadã e outro específico para os hospitais universitários.

Além dessas propostas, houve também a indicação de ações políticas, como a realização de uma grande campanha em defesa do HU, sugerida pela dirigente da CUT-RJ, Maria Júlia Nogueira, ou um mutirão das entidades que apoiam o HU para arregimentar parlamentares em Brasília para uma ida ao STF, no intuito de buscar solução para os problemas de todos os hospitais universitários, conforme propôs o presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro, Sidnei Ferreira. O coordenador do Sintufrj Francisco Carlos propôs a criação de uma aliança na universidade contra a privatização.

"Sintufrj mostrou força"

O coordenador de Organização Sindical da Fasubra, João Paulo Ribeiro, diz que a comunidade da UFRJ está de parabéns pela audiência pública do HUCFF, tendo expressiva participação e resultados positivos. Ele avalia que o Sindicato mostrou força, e como dirigente da Fasubra ratifica a reivindicação em defesa da autonomia, por concurso público e mais verbas para a universidade.

"O Sintufrj demonstra força e unidade da categoria contra este modelo e em defesa dos gestores da universidade. Não precisamos de gestores de fora para cuidar de nossa casa. E exigimos respeito com a autonomia universitária, com abertura imediata de concurso público pelo RJU para suprir o déficit de pessoal, mais verbas para a universidade, como também a realização do Complexo Hospitalar para terminar as obras inacabadas e assim disponibilizar a capacidade de leitos para a sociedade".

Balanço da audiência pelo diretor

No balanço que fez da audiência, o diretor Eduardo Côrtes apontou que a proposta de criação de um estatuto para os HUs esteve presente em muitas intervenções, assim como a de realização de uma outra audiência pública, dessa vez no Congresso Nacional.

"Essa (audiência no Congresso) é também uma ideia nossa, na qual já estávamos trabalhando e foi ótimo que tivesse surgido", disse Côrtes. Ele contou que um representante de deputado da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro sugeriu que para a audiência no Congresso fosse convidado o Ministério do Planejamento, para que os problemas do HU chegassem até o Executivo. "Acho que a decisão de investir pesado para terminar o hospital (com obras inconclusas desde que foi inaugurado) tem que ter a concordância da Presidência da República", concluiu.

Côrtes concorda também com a posição apresentada pelo procurador Peterson de que a questão envolvendo a Adin se resolva de uma vez no STF e com a sugestão de que se cobre juridicamente do MEC o seguinte: se há recursos para as instituições que aderiram à Ebserh, tem que ter também para aquelas que não aderiram.

Ainda sobre financiamento, o diretor reafirmou, como foi dito na audiência, que não se pode deixar o hospital à mercê da tabela defasada do Sistema Único de Saúde (SUS), e também apontou que há omissão do Ministério da Educação para com seus hospitais de ensino: "O MEC fica transferindo essa questão do financiamento para o Ministério da Saúde, mas não pode ser só esse ministério (a financiar o hospital), porque é um hospital de ensino e não apenas assistencial", lembrou.

Ele fez questão de enfatizar bem a necessidade de recursos do MEC: "O Ministério não pode mais se colocar numa posição de omissão do ponto de vista orçamentário, e deve incluir na divisão do bolo (recursos) a formação dos profissionais de saúde do país, da qual a iniciativa privada está longe de dar conta".

Outras repercussões

Durante e depois da audiência, o diretor recebeu visita ou telefonemas de muitos parlamentares que querem conversar sobre a situação do HU, ou para elogiar o artigo assinado por ele publicado no jornal *O Globo*. Inclusive um vereador solicitou permissão para publicar o texto no *Diário Oficial* do município, além de fazer pronunciamento na Câmara de Vereadores.

Houve também repercussão interna: "As pessoas me procuraram me dando os parabéns pela iniciativa, com entusiasmo, porque parece que surgiu uma coisa mais concreta, ou seja, uma chance de lutar pela recuperação do hospital", contou o diretor. Ele disse estar torcendo pelas possibilidades apontadas, e acredita que, depois de terminado o processo eleitoral, é possível pleitear a audiência pública no Congresso Nacional ainda este ano. E afirmou confiar também na formação de uma bancada parlamentar suprapartidária para ajudar o hospital.

SERVIÇO

Uma ação de esclarecimento, solidariedade e integração

Fotos Renan Silva

REPRESENTANTES realizam o I Encontro de Pacientes Portadores de Doenças Crônicas

Entre os dias 15 e 17 de setembro, quem passou pelo hall do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho teve a oportunidade de ver uma atividade diferente e relevante organizada pela Comissão de Direitos dos Pacientes, o I Encontro de Pacientes Portadores de Doenças Crônicas. Na prática, foi um serviço para esclarecer e informar pacientes, estudantes e trabalhadores da unidade sobre doenças crônicas.

O evento teve a participação de diversas entidades, como a Associação dos Amigos Portadores de Doenças Inflamatórias Intestinais, Associação dos Falcêmicos e Talassêmicos e Associação dos Portadores e Amigos de Lúpus, do grupo SOS Lúpus e da ONG Amigos do Transplante Hepático, e o apoio do Sintufrj, que produziu cartazes, faixas de divulgação e coletes que identificavam os participantes. Foram montados estandes com painéis e muito material informativo sobre doenças crônicas, em especial anemia falciforme, hepatite, lúpus e doenças inflamatórias intestinais.

Nos três dias do encontro os responsáveis se revezaram, com muita simpatia e boa vontade, no trabalho de esclarecer a população. Muitos preconceitos foram desmistificados em relação a vários males, assim como mostrado que, com informação e cuidados adequados, podemos conviver com pessoas com doenças crônicas, proporcionando uma melhor qualidade de vida para o doente.

Agentes da informação

Fábio Bittencourt, da Comissão de Direitos do Paciente e também da Associação de Falcêmicos e Telassêmicos do Rio de Janeiro, animado, distribuía panfletos e explicava ao pequeno público que se formou em volta de um dos estandes as origens da doença, os problemas sociais que os portadores enfrentam e as políticas públicas necessárias para enfrentá-los. Ele e a esposa têm apenas traços da anemia falciforme, mas seus filhos são falcêmicos, e conseguem viver normalmente, inclusive se formaram na faculdade, contou o pai orgulhoso.

Gisele da Costa, portadora de doença falciforme e também membro da associação, explicava sobre o cuidados a serem tomados em função da doença, como ingerir bastante água e evitar esforço. Ela contou que há três anos assistiu a uma palestra na Uerj sobre o tema, quando ficou sabendo da incidência da doença no país, e se surpreendeu, porque até então era dito que sua doença era rara. Desde essa época, decidiu ajudar a disseminar informações a respeito.

Segundo Gisele, foi por falta de informação que seu irmão, também portador da doença, faleceu. A família, ao descobrir qual doença ela e outros dois irmãos realmente tinham, começou o tratamento adequado.

Gisele começou o tratamento no HU aos 12 anos. "Entendo que todos nós temos uma missão e, depois que cheguei aos 34 anos com a saúde boa, formada e tendo o meu trabalho, percebi que tinha que ajudar outras pessoas levando informações", disse ela.

Público aprova

Ana Paula Lemos, que passava com sua filha Raísa, paciente da Fonoaudiologia, ficou atenta à explicação e pegou o material para se inteirar melhor sobre a doença. "Muita gente nem conhece a doença, mesmo eu, que vivo aqui no hospital. Às vezes a pessoa até tem e não sabe que pode desenvolver. Por isso, sempre que tenho condições, presto atenção para saber do que se trata", afirmou.

Dione Santiago, que frequenta o curso anual de Cuidadora, realizado pelo HU, considerou a iniciativa importante para que as pessoas aprendam a se prevenir e possam orientar outras pessoas. "No meu caso, até para desempenhar melhor o meu trabalho", observou ela ao lado da amiga Jane Calazans, também aluna do curso e que achou importante absorver a informação "para a vida pessoal e profissional".

ANA Paula, Raisa e Fábio Bittencourt

FÁBIO e Gisele da Costa

JANE Calazans e Dione Santiago

Prevenção e fim do isolamento

MÔNICA dos Santos

Mônica Gomes Rodrigues dos Santos, membro da ONG Amigos do Transplante Hepático, disse que eles realizam trabalho de divulgação das formas e de como evitar o contágio da hepatite A, B e C, inclusive em escolas.

Para a residente multiprofissional de Serviço Social da Coordenação de Atividades Educacionais, Taiane de Oliveira, o trabalho consiste na "socialização de informações".

Explicando sobre doenças inflamatórias intestinais, Rômulo Leon de Souza, que se trata no HU desde a década de 1980, fazia questão de contar que foi fundador da Asufrj e diretor da entidade entre 1969 e 1975. "Minha motivação veio da necessidade de termos algum órgão que trate dos interesses do paciente para tentar manter a qualidade de vida. Objetivo nosso é a humanização dos profissionais de saúde", esclarecendo os motivos que levaram à criação da Associação dos Pacientes de Doenças Crônicas do HU.

Laura Dias, presidente da Associação dos Portadores de Doenças Inflamatórias Intestinais, disse que o objetivo do evento é esclarecer e dar orientação. Ela falou com orgulho dos projetos desenvolvidos em parceria com o Instituto de Nutrição e a Faculdade de Odontologia em pesquisas sobre o tema.

Maria da Conceição Lopes Buarque, assistente social, coordenadora de Políticas Institucionais de Humanização e membro da Comissão de Direitos do Paciente, agradeceu ao Sintufrj o apoio e explicou que a proposta do encontro é socializar informação sobre tratamentos, para que o portador de doença crônica possa viver com qualidade e conhecimento da doença com que está lidando.

"Para nós, não existe essa dicotomia entre saúde e doença. Estar saudável não significa viver sem doença", disse ela, destacando que a organização do evento contou com a autonomia e o protagonismo dos usuários: "Eles todos são pacientes, eles que organizaram". A expectativa, segundo ela, é que o evento se expanda, cumprindo outros propósitos, como o de integrar os pacientes e de tirá-los do isolamento.

Comissão

A Comissão de Direitos do Paciente foi instalada em 2001 e conta com representação de diferentes segmentos e divisões do HU. Tem entre seus propósitos o papel de fortalecer nos pacientes noções de direitos e a possibilidade de atuação coletiva, monitorar a qualidade de serviços prestados, buscar a humanização na relação entre equipe e pacientes e como missão consolidar a noção de direito e cidadania através de ações educativas junto à comunidade do HU, implementando o controle social. O telefone é 3938-2188 e o e-mail: cdp@hucff.ufrj.br.

PERFIL

"Fui valorizada, e isso me marcou muito"

Vera de Souza, 60 anos, aposentada da UFRJ há 17, ficou maravilhada com o I Seminário de Formação e Integração Social dos Aposentados e Pensionistas, realizado de 21 a 23 de agosto em Miguel Pereira. Foi a primeira vez que participou de uma atividade do Sintufrj.

"Estou deslumbrada! Adorei o evento! Nunca tinha participado de nenhuma atividade. Ofereceram uma excelente alimentação e atividades ligadas à saúde. Tivemos também a oportunidade de aferir pressão e medir a glicemia. Os temas abordados e as discussões que tivemos foram muito bons. Foi atenção total para nós! Me senti muito bem. Valorizada. Isso me marcou muito", declarou Vera.

"Quero ir a muitos mais. Não espero a hora de outro evento!", anunciou, com entusiasmo.

Trajetória

Vera é técnica de enfermagem e começou na UFRJ trabalhando no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) em 1978, onde permaneceu até a sua aposentadoria. Passou pela Emergência, Ortopedia, Cirurgia Vascular e Torácica, aposentando-se no último setor que trabalhou, o Ambulatório do segundo andar.

"No hospital evoluí muito como profissional. Lá as regras eram rigorosas e os procedimentos tinham de ser realizados com a máxima atenção e cuidado. Aprendi muito na Enfermagem. Era uma verdadeira escola", lembra. Vera destaca como boas chefias Álvaro Dias, da Divisão de Enfermagem, e Ana Maria Borralho, da Divisão Médica.

A aposentada fez muitas amigas e até hoje convive com algumas delas, que frequentam sua casa em Campo Grande, onde mora com a filha de 26 anos, que é enfermeira. "A Cléa, técnica de enfermagem do HU, já aposentada, é minha amiga de muitos anos. Frequenta minha casa e me ajuda quando resolvo fazer salgados em casa! Outra grande amiga é a Rosângela, técnica de enfermagem, que ainda está na ativa e trabalha na Triagem no HU. Tem também a Vilcléa, que trabalha no segundo andar. Não posso esquecer da Rita, que frequenta a minha casa faz anos. Até os 15 anos da minha filha veio em todos os seus aniversários!".

Agradecimento

Dona Vera fez questão de deixar registrada a atenção e o cuidado que a coordenadora de Educação, Cultura e Formação, Ana Célia, teve com ela. Inclusive quando teve de se submeter a uma cirurgia. "Fui ao Sindicato para saber dos 3,17% e fui muito bem recebida por Ana Célia. É muito bom chegar num lugar pela primeira vez e ser bem tratada. Foi quando ela me convidou para o seminário. Depois, quando fiz a cirurgia, me visitou e se colocou à disposição para qualquer problema que eu tivesse. Agradeço muito à Ana Célia a atenção que me deu. Me senti valorizada".

A atenção dada por Ana Célia e o sucesso do seminário semearam em Dona Vera um novo ânimo. "Vou começar a participar das reuniões. Moro em Campo Grande, mas não fico parada. Realizo muitas atividades. Produzo cestas de café da manhã e faço salgados e doces para festas. Com as futuras atividades do Sindicato de que pretendo participar, os meus dias ficarão completos."

FACULDADE DE ODONTOLOGIA

Equipe comemora 25 anos de trabalho

Fotos: Renan Silva

ROBERTO Vianna e Celso Procópio com profissionais da equipe

DANIEL Pereira e integrantes da equipe

Uma singela e emocionante comemoração marcou os 25 anos de casa de um grupo de funcionários da Faculdade de Odontologia, na manhã do dia 24, em frente à entrada da unidade. Muitos abraços, sorrisos e lágrimas emolduraram a breve confraternização, com direito a bolo, refrigerante e uma foto do grupo para a posteridade.

Muitos fizeram questão de deixar seu depoimento sobre o orgulho de pertencer à equipe da unidade, e destacaram a importância, para o sucesso de todos, do ex-diretor da unidade Roberto Vianna, convidado especial para a comemoração.

O evento foi organizado por Celso Procópio, funcionário da Odontologia e coordenador-geral do Sintufrj. Ele disse que 80% dos profissionais da unidade integravam o grupo que comemorava os 25 anos com orgulho, dedicação e união. "Acho que hoje em dia precisamos de momentos assim para a integração com nossos colegas, para que o tempo e o dia a dia não afastem as pessoas", afirmou o sindicalista, que fez questão de destacar a importância do ex-diretor Roberto Vianna para a existência daquela equipe e da expansão da unidade.

Num breve balanço, o ex-diretor contou que ingressou na UFRJ em 1971, dirigiu a unidade por 12 anos (até o final dos anos 1990) e hoje está aposentado. Ele explicou o quanto contribuiu para a expansão da faculdade: "Havia uma carência de pessoal e eu pedi ao reitor (na época Horácio Macedo), e ele concedeu 400 funcionários para a Odonto". Eram servidores de todos os níveis, da área administrativa e da área médica. Segundo ele, além da expansão do quadro de pessoal, houve a construção de nove mil metros quadrados de área para a unidade; foi criada a divisão de pesquisa; serviços de atendimento especializados e desenvolvidos projetos de extensão na Vila do João e no Timbau.

Vianna recebeu inúmeros e afetuosos abraços da equipe e, logo após o "parabéns", fez um breve discurso afirmando seu prazer em participar daquele momento e que conhecia a história de cada um ali. "Esses 25 anos passaram muito rápido", disse, comentando pequenos casos de um e de outro funcionário, arrancando lágrimas e muitas palmas.

Depoimentos

Daniel Pereira, representante dos funcionários na Congregação da unidade, faz parte dessa equipe há 10 anos e quis dar seu recado: "Aqui é muito bom. O pessoal é bem família".

Robson Clovis, assistente em administração, disse que gosta muito da unidade: "É uma história bonita. De vez em quando a gente se depara com um aluno de 20 anos atrás".

Maria Lúcia Garcia, auxiliar do consultório da Clínica Odontológica, disse que gosta muito dos colegas da unidade: "Tudo que tenho foi através da Faculdade de Odontologia, e para mim foi só glória. Vi a unidade, que começou na perna-seca (do HU), crescer e depois vir para cá (atual prédio ao lado do HU)". Ela apenas lamentou a deficiência para o crescimento na carreira dos profissionais de nível de apoio.

Raimundo dos Santos, da área administrativa, confirma a satisfação dos demais: "É ótimo trabalhar aqui".

Márcia Carvalho da Silva, assistente social, afirmou que o ex-diretor foi um grande empreendedor, ampliou o quadro de técnicos-administrativos e docentes, promoveu a abertura de frentes de projetos e pesquisas, o que na época foi revolucionário, e citou o tratamento de portadores do HIV. Ela também destacou a possibilidade aberta de formação profissional: "Muitos entraram com 18 anos, se esforçaram e hoje têm mestrado e doutorado", conta.

Rosemere Roza, recepcionista da Odontopediatria, afirmou: "Trabalhar aqui é muito bom, e o grande retorno é poder ajudar os outros. Por isso essa comemoração é merecida, porque tivemos a chance e a agarramos. Espero que possamos comemorar mais 25 anos".

Beatriz Gonçalves, secretária, não tem dúvidas: "Essa história não pode cair no esquecimento. Todos nós nos dedicamos. Eu sou caxias e acho que todos se dedicam assim".

Consciência negra, para feministas brancas

Desde cedo entendi o que era o racismo. Filho de uma mãe um tanto racista, numa família racista de negros, mulatos e descendentes de espanhóis, meu pai — de pele bem branca, olhos azuis e cabelo bem cacheadinho — fazia questão de pontuar que todos eram iguais e se horrorizava com o racismo. Minha mãe, nascida de uma mistura de europeus diversos e indígenas, sempre reforçava atitudes antirracistas e criticava abertamente indivíduos e comportamentos discriminatórios. Quando comecei a me envolver em movimentos sociais, na adolescência, descobri o movimento negro e suas mais do que legítimas reivindicações. Só recentemente, porém, depois de muitos anos de militância, compreendi que talvez meu papel principal, nessa luta, seja mais óbvio e muito mais difícil do que eu imaginava: me reconhecer branca.

Quando nascemos, nós, pessoas de pele e fenótipo socialmente lido como "brancos" (doravante aqui denominados apenas "brancos", pra facilitar a leitura) somos ensinados que existem pessoas negras. Somos ensinados que têm a pele diferente da nossa. Em todas as formas de transmissão de cultura — escola, televisão, conversas em família, entre outros — a cor da nossa pele nunca é tratada como uma questão. É como se não tivéssemos cor. Nesse pensamento está baseada a expressão racista "pessoa de cor", que pressupõe que nós brancos e brancas não temos cor.

Sem perceber, passamos a vida acreditando verdadeiramente nessa mentira. Quando conseguimos alguma coisa, não associamos a conquista à nossa identidade ou classificação racial, mas a um mérito individual que simplesmente não existe. Isso não quer dizer que nenhum de nós brancos sejamos bons no que fazemos, calma aí. Significa apenas que uma pessoa negra tão boa quanto, ou melhor, ficou de fora na seleção em que nós passamos. Por diversos motivos. Foi quando tomei contato com o feminismo negro de Patricia Hill Collins e Bell Hooks que tomei consciência (não, não é um trocadilho) desses motivos. Estes são alguns deles:

Eu nunca fui tratada por meus professores e professoras como um projeto de bandida, rainha de bateria ou faxineira; aprendi daí que a escola era mesmo o meu lugar.

Nunca precisei passar por processos dolorosos e tóxicos para adequar meu cabelo às exigências de qualquer empregador sob a ameaça de passar fome; aprendi daí que meu cabelo não precisa ser corrigido.

Fui tratada como mãe das crianças brancas de que cuidei como baby-sitter; aprendi daí que eu não precisava realizar nenhuma outra tarefa doméstica que não fosse cuidar das crianças.

Nas novelas, filmes, revistas e outras mídias que constroem o imaginário popular e as nossas identidades e anseios, sempre havia personagens como eu, brancas, que tinham sucesso profissional em diversas áreas; aprendi daí que eu podia ser o que quisesse.

Na escola e em todos os espaços públicos, especialmente naqueles em que frequentavam majoritariamente ou exclusivamente mulheres, sempre me senti confortável e incluída e sempre me deram a palavra; aprendi daí que eu podia e devia falar sempre que desejasse.

Em espaços domésticos, as pessoas que desempenhavam funções de serviço pesadas como empregada doméstica mensalista, muitas vezes mal pagas e em condições de vida deploráveis, não eram do meu bairro, não eram minhas vizinhas, não eram minhas parentes; aprendi que aquilo não era pra mim.

As revistas de moda e cabelo sempre tinham diversas sugestões e opções de maquiagem, penteados e cortes que se adaptavam facilmente aos meus tons de cabelo e pele, segundo as regras iluminadas dos editoriais; aprendi daí que eu sou normal, que eu sou a regra, o fiel da balança, o neutro pelo qual se deve medir os demais.

Construída nessa e em outras situações, minha identidade racial ficou escondida. Toda a sociedade me dizia que "raça" simplesmente não era uma questão que me tangia. O gênero sim, já que como mulher eu estava do lado oprimido. Sendo branca, então, eu realmente acreditava que não tinha nada a ver com a discussão racial, exceto para defender "elas", as mulheres negras.

Daí que um dia elas gritaram. Apontaram minha raça e eu, em minha ignorância racista, que como sociedade acabamos por desenvolver de maneira doentia em todas as pessoas brancas deste país, me senti ofendida. Eu não gostava de ser lembrada de que era branca. Dizia inclusive que isso seria racismo. Era muito mais fácil acreditar que tudo que eu tinha conseguido tinha sido por mérito próprio. Que eu, mulher, não podia jamais ocupar o lugar de opressora nesta sociedade. Era o esquema perfeito: me colocava enquanto vítima e recusava deliberadamente a função de algoz. Conforto pouco é bobagem.

Depois de espernear, me lembrei de um debate sobre cotas na época do ensino médio. Eu era, então, contra as cotas raciais. Meu melhor amigo — também ligado à militância de movimentos sociais — me disse uma das coisas mais interessantes que eu já ouvi sobre políticas públicas: "Estou do lado dos coitados (f...), Marília. A gente tem que estar do lado dos coitados (f...)". Nós, que nem coitadas éramos. Ele, que tinha olhos azuis e sobrenome italiano.

Decidi ouvir o que as coitadas (f...) tinham a me dizer, pelo afeto que nutro por essa figura branca (sim, racista também isso). Botei o ego de lado. Pisei fora da zona de conforto, do meu esquema explicativo perfeito de mártir (existe feminino de mártir?). Escutei a Hill Collins. Reli Alice Walker. Fui atrás da Rosa Parks. Pesquisei Nina Simone. Me enfiei na história dos Panteras Negras. Assisti de novo *Mississippi em Chamas*, *A Outra História Americana*, tudo que eu tinha do Spike Lee. Me inscrevi em feeds de sites e blogs brasileiros sobre racismo e identidade racial – esses que antes eu sequer acessava, já que "não eram dirigidos a mim", pela mesma visão limitada de quem acha que, sendo branco, não tem nada a ver com o dia da consciência negra. Peguei o Darcy Ribeiro da estante. Quase vomitei com a memória de tudo aquilo que meu cérebro havia, de forma traiçoeira, relegado "aos outros" quando aprendi na escola.

Não eram os outros. Era eu.

Por Marília Moschkovich — texto publicado na íntegra no site Outras Palavras na revista ***Carta Capital*** *em 20/11/2013*

O Sindicato vai realizar pesquisa para identificar o nível de escolaridade dos técnicos-administrativos da UFRJ e como se assumem enquanto etnia (branco, negro, pardo). Aguarde!